



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## Do Outro ao outro: respostas subjetivas singulares ao desmoronamento dos laços sociais e à fragmentação do simbólico no contemporâneo

**Anderson de Souza Sant'Anna**

Orcid: [0000-0001-6537-6314](https://orcid.org/0000-0001-6537-6314)

Pós-doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)  
Professor da Fundação Getúlio Vargas – Escola de Administração de Empresas de São Paulo / FGV-EAESP (São Paulo, Brasil)

Membro Adjunto do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana (ISEPOL)

E-mail: [anderson.santanna@fgv.br](mailto:anderson.santanna@fgv.br)

**Resumo:** Este artigo analisa desdobramentos do laço social no contexto da expansão do neoliberalismo, em resposta à crise do fordismo e ao fim dos “trinta anos gloriosos” do capitalismo industrial. Com o declínio do sonho americano e a dissolução do projeto fordista de constituição de uma classe média trabalhadora, observa-se o enfraquecimento da democracia liberal burguesa, o colapso da representatividade econômica e a formação de um novo grupamento social, o “precariado”, sustentado por ideias como o “empreendedorismo de si mesmo”. No caso brasileiro, esse processo é intensificado pela perda de influência da igreja católica, cuja oposição à teologia da libertação abre espaço, entre as camadas do “precariado”, para o crescimento de denominações neopentecostais, apoiadas pela extrema direita. No campo universitário, a incapacidade das correntes políticas da “esquerda tradicional” em fornecer respostas eficazes ao colapso das classes médias trabalhadoras resultará na expansão da chamada “esquerda radical”, que adota estratégias culturais baseadas em noções de identidade, em detrimento da visão coletiva anterior. Este artigo analisa como esses processos impactam o laço social e moldam modos de subjetivação e de resistência ao predomínio do discurso do capitalista.

**Palavras-chave:** Laço Social; Subjetivação; Fordismo; Discurso do Capitalista; Neoliberalismo.

### **De l'Autre à l'autre: Réponses Subjectives Singulières à l'effondrement des Liens Sociaux et à la Fragmentation du Symbolique dans le Contemporain:**

Cet article analyse les évolutions du lien social dans le contexte de l'expansion néolibérale, en réponse à la crise du fordisme et à la fin des “trente glorieuses” du capitalisme industriel. Avec le déclin du rêve américain et la dissolution du projet fordiste de constitution d'une classe moyenne ouvrière, on observe l'affaiblissement de la démocratie libérale bourgeoise, l'effondrement de la représentativité économique et la formation d'un nouveau groupe social, “le précaire”, soutenu par des idées comme “l'entrepreneuriat de soi-même”. Dans le contexte brésilien, ce processus est intensifié par la perte d'influence de l'église catholique, dont l'opposition à la théologie de la libération ouvre la voie, parmi les couches du “précaire”, à la croissance des dénominations protestantes, soutenues par l'extrême droite. Dans le domaine universitaire, l'incapacité des courants politiques de la “gauche traditionnelle” à fournir des réponses efficaces à l'effondrement des classes moyennes ouvrières entraîne l'expansion de ce que l'on appelle la “gauche radicale”, qui adopte des stratégies culturelles fondées sur des recherches d'identité, au détriment de la vision collective antérieure. Cet article examine comment ces processus impactent le lien social et façonnent les modes de subjectivation et de résistance à la domination du discours capitaliste.

**Mots clés:** Lien Social; Subjectivation; Fordisme; Discours du Capitaliste; Néolibéralisme.

### **From the Other to the other: Singular Subjective Responses to the Collapse of Social Bonds and the Fragmentation of the Symbolic field in Contemporary Times:**

This article analyzes the developments of social bonds in the context of neoliberal expansion, in response to the crisis of Fordism and the end of the “thirty glorious years” of industrial capitalism. With the decline of the American Dream and the dissolution of the Fordism project of building a working middle class, we observe the weakening of bourgeois liberal democracy, the collapse of economic representation, and the formation of a new social group, “the precariat”, supported by ideas such as “self-entrepreneurship”. In the Brazilian context, this process is intensified by the loss of influence of the Catholic Church, whose opposition to liberation theology opens space among the layers of the “precariat” for the growth of protestant denominations, supported by the extreme right wing. In the academic field, the inability of “traditional left” political movements to provide effective responses to the collapse of the working middle classes results in the expansion of the so-called “radical left”, which adopts cultural strategies based on quests of identity, to the detriment of the previous collective vision. This article examines how these processes influence social bonds and shape subjectivities and resistance to the dominance of capitalist discourse.

**Keywords:** Social Ties; Subjectivation; Fordism; Discourse of the Capitalist; Neoliberalism.

## **Do Outro ao outro: Respostas Subjetivas Singulares ao Desmoronamento dos Laços Sociais e à Fragmentação do Simbólico no Contemporâneo**

*Anderson de Souza Sant'Anna*

### **Introdução**

Os acontecimentos de fins da década de 1960 e de meados dos anos 1970 marcam o início de uma profunda transformação nas sociedades ocidentais, com a derrocada do modelo fordista de produção e regulação do trabalho, em construção desde o início do século XX, e a ascensão do neoliberalismo (Harvey, 2005). O colapso dos "trinta anos gloriosos" de crescimento e estabilidade nas economias industriais avançadas do pós-guerra, sustentados por políticas keynesianas e de bem-estar social, dá lugar a uma nova configuração global (Glyn, 2006). Como resposta a esse colapso, o neoliberalismo impõe políticas econômicas baseadas na flexibilização do trabalho, privatizações, desregulamentações e na retração dos estados de bem-estar social, promovendo um novo arranjo do capitalismo que acentua as desigualdades sociais e fragmenta os laços sociais (Jessop, 2002; Streeck, 2014).

Essas mudanças desencadeiam não apenas transformações econômicas, mas também profundas reconfigurações sociais e culturais (Bauman, 2000). A classe média da era fordista, outrora a espinha dorsal das democracias liberais ocidentais, entra em decadência, enquanto emerge um novo grupo social - o "precariado" - caracterizado pela insegurança e vulnerabilidade do mercado de trabalho (Standing, 2011). Essas transformações também abalam as noções de representatividade política, alterando a dinâmica das classes sociais, com a expansão da disputa entre as correntes político-ideológicas de "extrema direita" e da "esquerda radical" pelos rescaldos do fordismo, face à incapacidade das representações políticas tradicionais em responder à crise do fordismo (Singer, 2012).

Neste contexto, o artigo explora formas de subjetivação que emergem no rastro do neoliberalismo, investigando como esses novos modos de ser estão enraizados em fenômenos como o declínio da classe média, o fortalecimento da elite econômica, o crescimento do precariado e o papel central das igrejas neopentecostais no Brasil (Martín-Barbero, 2014), além da ocupação dos espaços deixados pelas representações políticas tradicionais por movimentos da "extrema direita" e da "esquerda radical" (Mouffe, 2018).

Isto posto, nos dedicaremos, na próxima seção, a analisar como o sujeito do neoliberalismo emerge dessas transformações, moldado por novas dinâmicas de poder e pelo domínio do "discurso do capitalista". Esse enfoque permitirá uma análise das formas de mal-estar e de adaptação que caracterizam os modos singulares de subjetivação no contemporâneo.

### **O Sujeito Neoliberal**

Na esteira dessas transformações, o enfraquecimento dos laços sociais tradicionais e a hegemonia do discurso do capitalista produzem novas formas de gozo, que, por sua vez, geram novas

formas de sofrimento psíquico (Coelho dos Santos & Amaral, 2023). O sujeito da era neoliberal, desprovido de apoio simbólico coletivo, recorre a soluções singulares para lidar com a falta de sentido e a insegurança constante, levando à proliferação de produções “*sinthomáticas*” como tentativas reinventar continuamente para enfrentar a insegurança estrutural das formas emergentes de capitalismo (Coelho dos Santos & Amaral, 2023; Coelho dos Santos & Oliveira, 2022).

Esses novos “modos de subjetivação” (Foucault, 2004) são evidentes, por exemplo, na expansão das igrejas neopentecostais (Birman, 1996), que oferecem um espaço para a criação de novos laços sociais e simbólicos, embora sob uma lógica de controle e exploração, alimentando o discurso da “extrema direita” (Oro, 2003).

Nesse sentido, as noções de laço social - em particular sob a hegemonia do “discurso do capitalista” -, *falasser* e *sinthome*, conforme articulados por Lacan (1975), revelam-se como dispositivos teóricos e clínicos fundamentais para compreender como o sujeito contemporâneo lida com o esgotamento das promessas do ancien régime (Han, 2015), enfrentando novos mal-estares e formas de inserção no laço social.

### **O Laço Social sob o Discurso do Capitalista**

A noção de “discurso do capitalista”, como uma variação do discurso do mestre, hegemônico na dinâmica fordista, oferece uma chave teórica importante para se compreender como o capitalismo avançado e o neoliberalismo reorganizam o laço social e os modos de subjetivação contemporâneos (Harvey, 2005).

Segundo Lacan (1972), o discurso do capitalista emerge como uma nova configuração discursiva que subverte as relações tradicionais entre o desejo, a lei e o sujeito. Ao contrário dos outros discursos estruturados por Lacan - como o discurso do mestre, do histérico ou do analista -, o discurso do capitalista visa diretamente à produção e à acumulação, dissociando o sujeito de qualquer limite imposto pelo simbólico, pelo Outro.

No discurso do capitalista, o sujeito é capturado pela lógica do consumo e da produção incessante de mercadorias, e isso inclui o próprio sujeito como mercadoria (Debord, 1992; Coelho dos Santos, 2023). É aqui que Lacan (1972) propõe que o capitalismo opera a partir de um circuito fechado, no qual o gozo se torna um imperativo. Essa estrutura reforça a ideia de que o sujeito não deve mais se submeter às regulações tradicionais da lei simbólica, mas deve, sim, buscar continuamente o acúmulo de gozo e satisfação (Fisher, 2009). Igualmente, esse processo de constante produção e consumo dissolve as relações estáveis e seguras que caracterizavam a ordem social fordista, ao mesmo tempo em que molda novas formas de subjetividade (Bauman, 2007).

Ao aplicar a crítica lacaniana ao discurso do capitalista, é possível entender como essa lógica molda a sociedade contemporânea, especialmente em termos de enfraquecimento das democracias liberais (Brown, 2015). O neoliberalismo, fundamentado no discurso do capitalista, promove uma

reestruturação das democracias liberais ao deslocar o foco do coletivo e do bem comum para o individualismo e o sucesso pessoal. As antigas noções de participação democrática e representatividade são substituídas por um sistema em que o sujeito é incentivado a se entender como autossuficiente e "empreendedor de si mesmo" (Dardot & Laval, 2013), reforçando a crença de que o sucesso individual se baseia exclusivamente no mérito.

Esse enfraquecimento das democracias liberais se dá pelo esvaziamento das instituições políticas tradicionais (Fraser, 2017). As promessas de justiça social e igualdade, que antes caracterizavam os projetos democráticos, são abandonadas em favor de uma lógica de mercado, na qual as soluções para os problemas sociais são privatizadas e individualizadas (Harvey, 2005). Nesse contexto, o sujeito é responsabilizado por seu sucesso ou fracasso no mercado, enquanto as estruturas institucionais e coletivas são enfraquecidas. O precariado, resultado desse processo, emerge como uma nova classe sem acesso efetivo à participação política e sem representação no cenário democrático (Standing, 2011).

No centro desse novo arranjo social está a figura do "empreendedor de si mesmo" (Dardot & Laval, 2013). Sob o discurso do capitalista, o sujeito é levado a entender sua existência como um projeto empresarial. Esse "empreendedorismo de si mesmo" é uma das manifestações mais claras do impacto do discurso do capitalista nas subjetividades contemporâneas. A subjetividade é moldada pela lógica do mercado, que exige que cada indivíduo se promova como um produto competitivo, pronto para ser consumido (Han, 2017). Essa ideia faz com que o sujeito se veja como uma mercadoria que precisa ser constantemente renovada, em uma busca incessante por aprimoramento, eficiência e produtividade (Sennett, 2006).

A figura do "empreendedor de si mesmo" não é apenas uma metáfora, mas uma imposição social que atravessa as esferas de trabalho, lazer e até mesmo as relações interpessoais (Ehrenberg, 1998). Essa concepção anula o espaço para o fracasso ou para a vulnerabilidade, já que o sujeito é sempre responsabilizado por sua própria condição (Bauman, 2000). Nesse contexto, o sucesso ou fracasso é atribuído exclusivamente ao desempenho individual, desconsiderando as condições estruturais que afetam a vida de cada sujeito (Fraser, 2017).

Lacan (1972), ao criticar o discurso do capitalista, aponta como esse modelo produz uma subjetividade alienada, na qual o sujeito é constantemente levado a procurar o gozo e o sucesso pessoal, mas sem alcançar uma satisfação plena. Ao mesmo tempo, essa lógica impede a formação de laços sociais sólidos e de uma visão coletiva da sociedade, fortalecendo a fragmentação e a precarização (Fisher, 2009).

Tendo em vista a centralidade do *faïencer* na constituição da subjetividade, o próximo passo é explorar como o discurso do capitalista interage com essas dinâmicas que caracterizam o contemporâneo, redefinindo o modo como os sujeitos se relacionam com o *Outro*, com o semelhante e consigo mesmos.

### ***Falasser***

A noção de *falasser*, um neologismo lacaniano que combina “falar” e “ser”, propõe que o sujeito não é simplesmente um “eu”, mas um *falasser* - um ser que existe por meio da fala, constituído no campo da linguagem, e cujo ser é inseparável de sua experiência discursiva (Lacan, 1975). Esse conceito torna-se central para a análise dos laços sociais contemporâneos, especialmente na medida em que o sujeito se relaciona com o *Outro* por meio da fala, mas, ao mesmo tempo, revela os limites dessa relação, principalmente em um cenário em que o discurso do capitalista domina e mina a possibilidade de subjetividades coletivas estáveis (Zizek, 2006). Aqui, o *falasser* não é apenas um ser falante, mas alguém cujos laços sociais são mediados pela fala e pelo discurso dominante, revelando os novos impasses da subjetividade contemporânea.

Soler (2023b) argumenta ainda que, no capitalismo contemporâneo, o discurso do capitalista afeta diretamente o modo como os sujeitos se constituem como *falasser*, substituindo a palavra plena, que estabelece laços e vínculos simbólicos, por um discurso utilitário e instrumental (Sennett, 1998). Nesse contexto, a subjetividade é reduzida à funcionalidade econômica. No caso do precariado, isso se manifesta em uma precariedade existencial, em que a fala é esvaziada de seu poder de conectar e sustentar a subjetividade (Standing, 2011). Os sujeitos neoliberais, por meio da lógica do “empreendedorismo de si”, são forçados a se posicionar no mercado como objeto de seus próprios discursos, perdendo o lugar de sujeitos no campo simbólico, reforçando o sofrimento psíquico (Bauman, 2000).

Ao entender como o conceito de *falasser* revela os impasses das subjetividades contemporâneas, torna-se imprescindível avançar para uma análise complementar do *sinthome*, outra categoria lacaniana para compreender as respostas subjetivas singulares ao desmoronamento dos laços sociais e à fragmentação do simbólico.

### ***Sinthome***

O conceito de *sinthome*, desenvolvido por Lacan em seus últimos seminários, especialmente ao analisar a obra de James Joyce (Lacan, 1975), pode ser compreendido como uma estrutura singular de cada sujeito que se configura como uma solução individual para lidar com a inconsistência do real, na medida em que ele não pode ser simbolizado (Soler, 2005). O *sinthome* não é simplesmente um sintoma no sentido freudiano de manifestação de um conflito inconsciente, mas uma espécie de “quarto nó” que amarra os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário (Lacan, 1975). Esta noção difere dos conceitos anteriores ao sugerir que o *sinthome* é uma forma de gozo que se cristaliza de modo singular para cada sujeito, sendo a única solução viável diante da fragmentação simbólica imposta pelo capitalismo.

Soler (2023a) explora como o *sinthome* se torna a âncora para o sujeito contemporâneo em um

contexto no qual os laços sociais estão fragmentados e o discurso do capitalista domina. Ao articular essa leitura, compreende-se que o *sinthome* é uma forma de gozo que organiza o sujeito frente à falta de um Outro estruturante, permitindo que ele funcione em meio à desintegração dos laços tradicionais. Esta perspectiva lacaniana destaca como o *sinthome* desempenha um papel crucial na subjetivação contemporânea, uma vez que a ausência de um apoio simbólico forte - outrora fornecido por estruturas como o Estado ou o mercado de trabalho - força o sujeito a encontrar uma amarração singular que sustente seu lugar no mundo.

No contexto do neoliberalismo, o *sinthome* oferece uma chave importante para entender como os sujeitos constroem suas próprias respostas individuais ao desmoronamento dos laços sociais e ao enfraquecimento das referências simbólicas coletivas, como o Estado e o trabalho estável (Sennett, 1998). Para o precariado, por exemplo, ele pode ser capturado nas formas de "empreendedorismo de si", em que o sujeito, desprovido de um suporte social ou econômico consistente, busca modos de subjetivação autossuficientes, ainda que frágeis e marcados pela incerteza (Standing, 2011).

### **A Derrocada do Fordismo e as Transformações no Laço Social**

Se no auge do fordismo, a classe média constituía a força motriz do crescimento econômico e da estabilidade social, no contexto neoliberal, ela se vê submetida a um processo sistemático de declínio, senão de reconfiguração (Harvey, 2005). O enfraquecimento das redes de proteção social e o aumento das desigualdades econômicas fizeram com que muitos membros da antiga classe média caíssem na precariedade (Piketty, 2014). Essa transformação alimentou um sentimento de perda e ressentimento, que foi explorado por movimentos políticos tanto de "extrema direita" quanto da "esquerda radical" (Fraser, 2017).

Ao contrário do período fordista, em que a classe média se via como parte de um projeto coletivo de progresso econômico e social, no neoliberalismo ela se fragmenta em identidades individuais (Bauman, 2000). As noções de identidade, consumo e autosuficiência substituíram a antiga solidariedade de classe, levando a uma perda de visão coletiva (Sennett, 1998). Essa mudança está intimamente relacionada à ascensão de discursos meritocráticos e individualistas, que culpabilizam os indivíduos por seu próprio fracasso no mercado, ao mesmo tempo em que glorificam o sucesso pessoal como resultado de esforço individual (Dardot & Laval, 2013).

No Brasil, esse processo se expressa de maneira particularmente aguda, dado o contexto histórico e político do país (Singer, 2012). O colapso da classe média trabalhadora e sua falta de representatividade política abriram espaço para a ascensão de movimentos conservadores e religiosos, como as igrejas neopentecostais, que capturaram as demandas do precariado e ofereceram soluções de pertencimento e segurança em um cenário de incerteza (Pierucci & Prandi, 2000), redesenhando as bases sociais e econômicas das sociedades contemporâneas (Martins, 2002).

O fordismo, caracterizado pela produção em massa e pela estabilidade de uma classe

trabalhadora industrial integrada ao Estado de bem-estar social, representava uma promessa de mobilidade social e segurança para grande parte da população, notadamente nos países centrais, altamente industrializados (Jessop, 1994). Esse sistema, que vigorou por cerca de 30 anos, permitiu a emergência do que ficou conhecido como o "círculo virtuoso do fordismo" - um período de crescimento econômico, pleno emprego e ampliação dos direitos sociais nas economias industrialmente desenvolvidas (Lipietz, 1987).

Com o esgotamento do modelo fordista, a globalização econômica e a adoção das políticas neoliberais, o estado de bem-estar social foi progressivamente desmontado, dando lugar a uma economia de mercado centrada na privatização, desregulamentação e flexibilização das relações de trabalho (Harvey, 2007). Isso gerou uma nova dinâmica cultural e social, caracterizada por uma fragmentação das classes sociais, uma redefinição das identidades coletivas e a emergência de novos grupamentos em busca de apropriação de recursos, como o precariado, transformando as relações de poder e as estruturas simbólicas que sustentavam o capitalismo fordista sob a égide do discurso do mestre (Lazzarato, 2009).

Um dos aspectos centrais desse processo é, portanto, a fragmentação das classes sociais, particularmente o declínio da classe média tradicional e o surgimento de uma nova classe - o precariado (Standing, 2011). No fordismo, a classe média, como beneficiária do crescimento econômico e da estabilidade gerada pelo emprego formal, benefícios sociais e regulamentação do trabalho, acreditava na possibilidade de ascensão social, conforme o "sonho americano" ou o "sonho fordista", que prometia uma vida próspera para aqueles que se engajassem no trabalho formal e nas instituições econômicas e políticas da época (Fraser, 2017).

Com o declínio do fordismo e a ascensão do neoliberalismo, observa-se o surgimento de novas formas de organização social, que incluem o precariado.

### **O Declínio da Classe Média Fordista**

O declínio da classe média representa uma das mais significativas transformações sociais nas últimas décadas, especialmente no contexto da derrocada do fordismo e da ascensão do neoliberalismo (Harvey, 2005). Durante o auge do modelo fordista, a classe média era vista como o símbolo de progresso e estabilidade (Fraser, 2017). O "*American dream*", que prometia ascensão social e segurança econômica por meio do trabalho e do consumo, constituiu a base sobre a qual essa classe se consolidou, particularmente nos países ocidentais (Piketty, 2014). Contudo, com o colapso desse sistema produtivo e a adoção de políticas neoliberais, o cenário mudou drasticamente (Sennett, 1998).

O neoliberalismo, com suas premissas de desregulamentação, flexibilização trabalhista e redução dos direitos sociais, minou as estruturas que sustentavam a ascensão e manutenção da classe média (Dardot & Laval, 2013). Ao invés de progresso e estabilidade, a classe média passou a vivenciar uma crescente instabilidade econômica, marcada pela perda de garantias e a precarização do trabalho

(Standing, 2011). A promessa de segurança, antes garantida por contratos estáveis, salários dignos e benefícios sociais, deu lugar a um mercado de trabalho volátil, no qual o "empreendedorismo de si mesmo" se torna a única solução para muitos, ainda que com resultados frequentemente insatisfatórios (Bauman, 2000).

No Brasil, a classe média sofreu de maneira ainda mais acentuada o impacto das transformações trazidas pelo neoliberalismo (Singer, 2012). Historicamente, a classe média brasileira, em grande parte, atuava como suporte ao sistema capitalista, buscando se firmar como grupo que aspirava mobilidade social e estabilidade econômica (Martins, 2002). Do Estado Novo Vargas até o período do "milagre econômico", ela parecia se consolidar, apoiada em políticas de industrialização e urbanização (Furtado, 1985). No entanto, a partir da década de 1980, com a implementação mais agressiva de políticas neoliberais, essa trajetória é interrompida (Guimarães, 1999).

A desindustrialização, a precarização do trabalho e o enfraquecimento dos sindicatos minaram as bases que sustentavam a classe média trabalhadora (Antunes, 2018). As reformas trabalhistas, como as promovidas nas últimas décadas, contribuem para a perda de direitos e segurança econômica (Prado, 2017). O discurso do empreendedorismo individual é, então, adotado como solução ideal, porém a realidade da precarização, somada à competição acirrada no mercado de trabalho, enfraquece o poder de compra e a capacidade de sustento dessa classe (Lavinias, 2017).

Além disso, a classe média brasileira vivencia um profundo processo de perda de representatividade simbólica, cultural, política e econômica (Singer, 2012). Antes, sua voz era relevante nos debates políticos e suas demandas influenciavam as políticas públicas. Com o tempo, no entanto, as elites econômicas passam a dominar ainda mais o cenário político, enquanto a classe média perde espaço de interlocução (Pochmann, 2018). A ausência de projetos que visem fortalecer essa classe, junto ao esvaziamento das representações coletivas, agrava sua marginalização (Boito Jr., 2012). No plano econômico, a ela irá se ver cada vez mais pressionada entre os interesses das elites e a precarização crescente que afeta o "precariado" (Antunes, 2018).

O impacto desse declínio vai além das questões econômicas. Ele também afeta a subjetividade e a identidade desse grupo (Bauman, 2000). A antiga sensação de pertencimento a um grupo social estável, com perspectivas de ascensão e consolidação econômica, é substituída por uma sensação de insegurança e vulnerabilidade (Sennett, 1998). Esse processo, ao lado da fragmentação das formas de representação política e social, contribui para o surgimento de novas formas de mal-estar e de subjetividades fragmentadas (Fraser, 2017).

No Brasil, esse fenômeno tem sido exacerbado pelo colapso das estruturas de representação política que antes davam voz a essa classe (Singer, 2012). Tal colapso, aliado à incapacidade de se sentirem representados, conjuga-se com a ascensão de discursos identitários e à fragmentação dos movimentos sociais, contribuindo para seu isolamento político e econômico (Pochmann, 2018). Nesse contexto, a identidade coletiva e as antigas esperanças de ascensão social e estabilidade são

substituídas pela incerteza, tendo como saída a busca individual por sobrevivência em um sistema cada vez mais competitivo e desigual (Antunes, 2018).

Seu declínio, portanto, não é apenas reflexo das mudanças estruturais no capitalismo global, mas também um fenômeno com profundas implicações sociais, políticas e subjetivas (Harvey, 2005). O desaparecimento progressivo das garantias econômicas e da representatividade política reconfigura o cenário social, criando um vácuo que é parcialmente preenchido pela ascensão do precariado e o fortalecimento, sem limites, das elites econômicas globais (Singer, 2012).

Ao compreender o declínio da classe média fordista, torna-se evidente que o surgimento desse novo grupamento social - o precariado - é um dos fenômenos mais significativos no atual cenário.

### **A Emergência do Precariado**

O precariado representa um dos nós sociais mais marcantes da reorganização neoliberal do capitalismo. A vulnerabilidade econômica e a fragmentação subjetiva que caracterizam essa nova "classe social" não são apenas produtos de um mercado de trabalho desregulado, mas refletem uma mudança mais profunda nas formas de subjetivação e nas relações sociais. Ao mesmo tempo que é resultado da flexibilização laboral, ele se apresenta como sintoma da fragmentação dos laços sociais e da transformação das formas de viver e de se relacionar com o outro.

Em linhas gerais, esse grupamento pode ser definido como um conjunto de trabalhadores que enfrentam condições de extrema precariedade, sem as garantias e proteções que outrora caracterizavam o mercado de trabalho durante o auge do fordismo (Standing, 2011). Ao contrário, esse grupo é marcado por indivíduos que vivem sob constante incerteza, com empregos temporários, baixos salários e ausência de direitos trabalhistas sólidos, como seguro-desemprego, aposentadoria ou férias remuneradas.

Esse novo grupo social torna-se, portanto, uma das marcas distintivas do neoliberalismo e de suas reformas econômicas, que visam flexibilizar o mercado de trabalho em favor da eficiência capitalista, desmantelando as proteções laborais estabelecidas durante o fordismo (Harvey, 2005). Como resposta à crise do modelo anterior, o neoliberalismo introduz um paradigma em que a segurança trabalhista é progressivamente substituída pela volatilidade e instabilidade (Dardot & Laval, 2013).

O precariado, portanto, não é apenas um fenômeno econômico, mas também um processo de reorganização social que redefine as relações entre capital e trabalho. Ao invés de serem integrados a um ciclo produtivo estável, seus membros se encontram em uma posição na qual imperam as regras do "empreendedorismo de si mesmo" (Bauman, 2000), moldando suas formas de ser e estar no mundo e impondo-lhe uma sensação constante de incerteza, ansiedade e instabilidade (Sennett, 1998; Coelho dos Santos & Amaral, 2023).

No contexto de um mercado de trabalho altamente volátil, o sujeito precário é compelido a adotar uma postura de "Eu S.A.", tentando se adequar às exigências mercadológicas e a aumentar sua

competitividade como imperativo de sobrevivência (Lavinias, 2017). Essa lógica reproduz subjetividades, nas quais as noções de pertencimento, solidariedade e identidade coletiva se enfraquecem. Em vez de se reconhecerem como parte de uma “classe trabalhadora” unida em torno de um projeto comum, os sujeitos do precariado se veem isolados, responsabilizados individualmente por seu sucesso ou fracasso, o que impacta diretamente as esferas pessoais e sociais, desestruturando as relações interpessoais e o sentido de solidariedade (Standing, 2011).

Lacan (1991), em sua crítica ao discurso do capitalista, sugere que esse novo arranjo econômico-social captura o sujeito em um ciclo contínuo de busca por satisfação (gozo), mas sem oferecer um caminho claro para uma realização duradoura. Esses sujeitos se encontram constantemente em um estado de falta, incapazes de alcançar as promessas que o sistema neoliberal lhes apresenta. Como resultado, esse processo não apenas desestabiliza as condições materiais de vida, mas também provoca um sofrimento psíquico decorrente da incapacidade de sustentar uma identidade estável, o que reforça o caráter alienante do capitalismo contemporâneo (Soler, 2023a).

Essa expansão do precariado, no entanto, está intimamente ligada ao fortalecimento das elites econômicas globais, que se distanciam cada vez mais das realidades locais.

### **A Concentração de Riquezas sem Limites das Elites Econômicas Globais**

O fortalecimento das elites econômicas globais é outro componente central na nova configuração do capitalismo pós-industrial. Distanciadas cada vez mais do restante da sociedade, sua acumulação de riqueza e concentração de poder se revela como características marcantes da reorganização social promovida pelo neoliberalismo, cujas consequências estão igualmente refletidas nas subjetividades contemporâneas e nas formas de sofrimento social (Piketty, 2014).

Beneficiando-se das transformações trazidas pelo neoliberalismo e pela globalização, esse grupo, composto por grandes corporações multinacionais e investidores globais, consolidou seu poder e riqueza em um ritmo sem precedentes (Harvey, 2005). Com políticas de desregulamentação financeira, privatizações e redução de impostos sobre grandes fortunas, o neoliberalismo proporciona às elites uma maior acumulação de capital, enquanto as classes médias e o precariado enfrentam a precarização de suas condições de vida e trabalho (Stiglitz, 2012).

Esse fortalecimento das elites econômicas não se limita ao aumento da riqueza, mas também ao distanciamento crescente entre este grupo e o restante da sociedade. As elites passaram a operar em um nível global, criando redes internacionais de poder e influência, cada vez mais distantes das realidades nacionais e locais. Esse processo desencadeia uma espécie de “descolamento” entre as elites e as preocupações do cidadão comum, contribuindo para o aumento das desigualdades sociais e a desestruturação das coesões sociais previamente sustentadas (Sassen, 2014).

O distanciamento das elites econômicas em relação à sociedade é visível em diversos aspectos. Primeiramente, observa-se uma crescente concentração de riqueza nas mãos de poucos. Relatórios de

desigualdade global, como o da Oxfam (2019), mostram que uma pequena parcela da população mundial detém uma fatia desproporcional da riqueza total, enquanto a vasta maioria luta para manter condições mínimas de subsistência. Esse fosso econômico reflete uma mudança profunda no contrato social, em que as elites se tornam cada vez menos comprometidas com a redistribuição da riqueza e a promoção da justiça social (Atkinson, 2015).

Além disso, as elites modernas têm se apropriado de mecanismos políticos e econômicos para proteger e perpetuar seu poder. O lobbying e o financiamento de campanhas políticas são exemplos de como as elites utilizam sua influência para moldar políticas públicas conforme seus interesses (Gilens & Page, 2014). Isso gera um ciclo de retroalimentação: a riqueza permite a manutenção e ampliação do poder, e o poder, por sua vez, facilita o aumento da riqueza. Nesse cenário, as elites se tornam cada vez mais impermeáveis às demandas populares por mudanças estruturais, contribuindo para o enfraquecimento das democracias liberais e o aumento das desigualdades (Brown, 2015).

O papel das elites também deve ser analisado à luz das transformações no campo cultural e simbólico. O fortalecimento econômico vem acompanhado de uma reconfiguração dos valores e das ideologias que sustentam o capitalismo avançado. As elites não apenas controlam os recursos financeiros, mas também exercem grande influência sobre os meios de comunicação, a cultura e as narrativas políticas. A ascensão do "empreendedorismo de si mesmo" é um exemplo dessa influência cultural, promovendo uma narrativa de sucesso individual e meritocracia, muitas vezes desconectada da realidade vivida pela maior parte da população (Dardot & Laval, 2013).

Esse fortalecimento das elites exacerba a desigualdade de diversas formas. Em termos econômicos, a polarização da riqueza aumenta a exclusão social e cria barreiras de mobilidade social quase intransponíveis. Isso é particularmente evidente no acesso a serviços essenciais, como educação, saúde e habitação. As elites podem acessar os melhores recursos e oportunidades, enquanto o restante da população se vê cada vez mais marginalizado, tanto econômica quanto socialmente (Wilkinson & Pickett, 2010).

No Brasil, esse fenômeno é agravado por especificidades históricas e estruturais, como a herança colonial, a concentração fundiária e o racismo estrutural. As elites brasileiras, compostas em grande parte por uma oligarquia historicamente privilegiada e orientada para o exterior, utilizam seu poder econômico e político para bloquear reformas sociais que possam desafiar sua posição privilegiada (Fausto, 2016). Isso resulta em um ciclo vicioso de desigualdade, perpetuando a exclusão dos mais vulneráveis, incluindo o precariado e as populações afrodescendentes e indígenas (Nobre & Singer, 2020).

O Quadro 1 busca sintetizar as principais dinâmicas sociais em jogo no contexto do neoliberalismo e suas consequências sobre o laço social e a distribuição de poder e recursos entre os diferentes grupos.

## QUADRO 1

*Principais dinâmicas sociais em jogo no contexto do neoliberalismo*

<b>Grupamento Social</b>	<b>Características</b>
Declínio da Classe Média	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tradicionalmente a força motriz do crescimento econômico e estabilidade social durante o fordismo.</li> <li>- Enfraquecimento com o advento do neoliberalismo, perdendo garantias trabalhistas e estabilidade econômica.</li> <li>- Fragmentação da solidariedade de classe e ascensão do individualismo e da meritocracia.</li> <li>- No Brasil, afetada pela desindustrialização, enfraquecimento dos sindicatos e perda de representatividade política.</li> <li>- Vulnerabilidade e insegurança econômica substituem o antigo pertencimento e a sensação de progresso social.</li> </ul>
Precariado	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Nova classe social emergente, marcada pela precariedade laboral e falta de garantias trabalhistas.</li> <li>- Vivem sob constante incerteza, com empregos temporários, baixos salários e ausência de direitos sociais.</li> <li>- Fragmentação dos laços sociais, aumento da individualização e surgimento de subjetividades vulneráveis.</li> <li>- Responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso no mercado de trabalho, exacerbando o sofrimento psíquico.</li> </ul>
Elites Econômicas Globais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fortalecimento durante a era neoliberal, beneficiadas por políticas de desregulamentação, privatização e redução de impostos.</li> <li>- Distanciamento crescente das realidades locais, operando em um nível global e criando redes internacionais de poder.</li> <li>- Acumulação extrema de riqueza e influência política, perpetuando o ciclo de desigualdade.</li> <li>- Controle dos meios de comunicação e da cultura, promovendo narrativas de sucesso individual e meritocracia, desconectadas da realidade da maioria.</li> </ul>

Tendo em vista essa nova configuração de agentes e forças é importante compreender como elas afetam a representatividade política e o surgimento de novas estratégias de ação, tanto da “extrema direita” quanto da “esquerda radical”. A próxima seção discutirá essas forças políticas em detalhes.

**No Vácuo de Representação: Novas Estratégias em Jogo**

Nessa altura, revela-se pertinente analisar estratégias adotadas pelas principais correntes políticas emergentes da crise de representatividade gerada pelo fim do fordismo e pela ascensão do neoliberalismo - a “extrema direita” e a “esquerda radical” -, as quais buscam preencher o vácuo deixado pelas transformações econômicas e sociais. Ao examinar suas estratégias, é possível compreender as diferentes formas de mobilização, as alianças estabelecidas com diversos segmentos sociais. A comparação entre essas correntes, suas bases sociais, discursos e alvos críticos oferece uma perspectiva ampla e das dinâmicas políticas que moldam o *Outro* contemporâneo.

**A “Extrema Direita”**

A “extrema direita” tem-se destacado, em particular, por suas estratégias de ocupação do espaço deixado pela derrocada do fordismo, sendo especificamente eficaz na cooptação da antiga classe média fordista e de extratos significativos do precariado. Explorando as falhas da esquerda tradicional

e do neoliberalismo, a "extrema direita" consegue criar uma base social ampla e heterogênea. Nos últimos anos, suas estratégias têm sido moldadas por fatores culturais, econômicos e políticos, ressoando profundamente entre as populações afetadas pelas transformações do capitalismo global (Mudde, 2019; Eatwell & Goodwin, 2018).

Uma das principais táticas da "extrema direita" é o uso de um discurso populista e anti-elite. Ao se autodenominar como a verdadeira representante do "povo", ela se posiciona contra as elites econômicas e políticas, que, segundo seu discurso, traíram os interesses nacionais em favor da globalização (Judis, 2016). Esse apelo é especialmente forte entre a antiga classe média fordista, que se vê marginalizada pelas mudanças econômicas, e o precariado, que lida com a insegurança e instabilidade do trabalho precarizado. A promessa de um retorno a uma ordem social e econômica "anti-sistema" oferece uma narrativa simples, mas eficaz, que culpa elites políticas, minorias e imigrantes pelo aumento da desigualdade e pela piora das condições de vida (Wodak, 2015).

Ela também apela para valores tradicionais e para uma nostalgia de tempos considerados mais estáveis e seguros (Inglehart & Norris, 2019). Essa estratégia se alinha com movimentos conservadores religiosos - como as igrejas neopentecostais -, que fornecem à "extrema direita" uma plataforma para a defesa da "família tradicional", da "moralidade" e da "fé". Essa aliança com igrejas neopentecostais oferece uma base de apoio sólida, principalmente entre o precariado, que encontra nesses espaços religiosos não apenas um senso de pertencimento, mas também a promessa de salvação espiritual e material (Campos, 2016).

A exploração do ressentimento econômico é outro elemento-chave da estratégia da "extrema direita". Com o colapso do fordismo, a antiga classe média trabalhadora, que antes aspirava ao "sonho americano" ou "fordista", vê suas expectativas de estabilidade e ascensão econômica se esvaírem. A "extrema direita" capta esse sentimento de frustração e o canaliza para o ódio contra imigrantes, políticas de ação afirmativa e movimentos progressistas que defendem minorias, atribuindo a essas causas a culpa pelas perdas econômicas e sociais (Hochschild, 2016). Essa construção de um "inimigo comum" ajuda a unir diferentes segmentos sociais em torno de um projeto de reconstrução nacional que, na prática, ignora as causas estruturais da desigualdade (Mudde, 2019).

Outro aspecto importante da estratégia da "extrema direita" é sua crítica ao multiculturalismo e à globalização. Ao atacar políticas de inclusão e diversidade, vistas como ameaças à identidade nacional, a "extrema direita" atrai aqueles que se sentem inseguros e deslocados pelas rápidas mudanças culturais e sociais (Betz, 2018). Na esfera política, ela utiliza táticas populistas que minam a confiança nas instituições democráticas, promovendo teorias da conspiração e deslegitimando a imprensa, as instituições jurídicas e o processo eleitoral, sempre que esses não se alinham aos seus interesses (Levitsky & Ziblatt, 2018).

O uso das mídias digitais e redes sociais é outro fator determinante para a ascensão da "extrema direita". Essas plataformas permitem que a "extrema direita" se comunique diretamente com seus

seguidores, sem a necessidade de mediação dos meios de comunicação tradicionais. Por meio de memes, vídeos virais e desinformação, a "extrema direita" consegue amplificar suas mensagens de maneira rápida e eficaz, muitas vezes escapando da responsabilidade pelas consequências de suas afirmações (Marwick & Lewis, 2017). Esse uso estratégico das redes sociais cria um ecossistema paralelo de informação, onde as narrativas de crise e de heroísmo da "extrema direita" são reforçadas continuamente.

O apoio da "extrema direita" às igrejas neopentecostais, que cresce exponencialmente após o declínio da teologia da libertação e dos movimentos eclesiais de base, tem sido fundamental para mobilizar uma população desamparada pelas políticas neoliberais e pela esquerda tradicional (Gomes, 2019). Com o enfraquecimento da representatividade da classe média trabalhadora nos partidos de esquerda e a perseguição aos movimentos progressistas católicos, a "extrema direita" encontrará nas periferias e entre o precariado terrenos férteis para a difusão de seu discurso de "salvação", tanto espiritual quanto material (Machado, 2017).

A eleição de líderes políticos de "extrema direita", com o apoio explícito de setores neopentecostais, reflete o poder dessa aliança, que combina neoliberalismo com conservadorismo moral em um pacote ideológico que apela tanto às elites quanto às classes mais pobres. A defesa de reformas trabalhistas e previdenciárias que favorecem a flexibilização e a precarização do trabalho é apresentada como um projeto de modernização e progresso, enquanto o apoio às pautas conservadoras assegura a lealdade das massas neopentecostais.

De forma similar, ao explorar o ressentimento econômico e ao fortalecer alianças com grupos religiosos, a "extrema direita" mostra como os discursos de pertencimento e moralidade têm sido eficazes na reorganização do laço social entre as classes trabalhadoras precarizadas. Essa articulação entre política e religião reflete uma reconfiguração importante no cenário político atual, cujos impactos reverberam em várias partes do mundo.

### **A "Esquerda Radical"**

Com a derrocada do fordismo e a ascensão do neoliberalismo, a chamada "esquerda radical" também irá adaptar suas estratégias, especialmente nas esferas culturais e universitárias. Ao invés de focar exclusivamente em revoluções proletárias e na luta de classes, observa-se uma ampliação das pautas e a valorização das esferas culturais e simbólicas como espaços estratégicos para transformação social, uma mudança influenciada pela percepção, como discutido por Gramsci (1971), de que o capitalismo avançado mantém sua hegemonia não apenas pela exploração econômica, mas também pela construção de hegemonias culturais (Rufo, 2024).

A fragmentação da classe média e o colapso da classe trabalhadora fordista criaram um cenário no qual as universidades públicas tornam-se palcos centrais para disputas culturais e políticas. Nesse ambiente, a "esquerda radical" passa a valorizar cada vez mais as lutas identitárias relacionadas a

gênero, raça, sexualidade e direitos humanos, compreendendo que a ideia tradicional de um sujeito revolucionário unificado - como o proletariado - havia enfraquecido. Assim, apoia-se em uma multiplicidade de sujeitos políticos, como estudantes, mulheres, negros, LGBTQIA+, entre outros, com o objetivo de articular uma resistência às opressões de classe, raça e gênero (Fraser, 1995; Hall, 1996).

Uma das estratégias centrais dessa "esquerda radical" tem sido a revalorização da teoria crítica, especialmente nos campos dos estudos culturais e pós-coloniais (Rufo, 2024). Essas abordagens buscam questionar e desconstruir as narrativas dominantes eurocêntricas, patriarcais e racistas que permeiam as instituições acadêmicas. Como resultado, o campo universitário torna-se terreno propício para a disseminação de novas epistemologias, centradas em vozes subalternas e perspectivas decoloniais, que visam resistir à lógica capitalista e colonial (Said, 1978; Spivak, 1988).

A crítica ao neoliberalismo também emerge como ponto-chave da atuação da "esquerda radical" nas universidades públicas. Com o avanço da mercantilização da educação superior, especialmente em países do Sul Global, as instituições de ensino passam a ser vistas como mercados de diplomas e pesquisa, sujeitas às lógicas do mercado. Em resposta, a "esquerda radical" intensifica sua oposição à privatização da educação, denunciando a precarização dos docentes e o esvaziamento dos currículos críticos em favor de cursos tecnocráticos voltados para atender às demandas imediatas do mercado (Harvey, 2005).

Outra estratégia importante é o apoio às lutas por direitos civis e a participação ativa em movimentos de ocupação universitária. Ocupações e greves estudantis, frequentemente articuladas com sindicatos e movimentos sociais, tornam-se táticas comuns para resistir a políticas de austeridade ou cortes de verbas para a educação. Nessas mobilizações, ela se articula como uma força organizadora, promovendo o diálogo entre as lutas educacionais e causas mais amplas de justiça social (Giroux, 2011).

No entanto, a ênfase da "esquerda radical" nas lutas culturais e identitárias gera críticas, tanto de setores externos quanto internos. Críticos argumentam que o foco excessivo nas pautas identitárias fragmenta ainda mais a classe trabalhadora, desviando a atenção das questões estruturais relacionadas ao capitalismo como sistema econômico (Zizek, 2012). Para esses críticos, ao priorizar demandas localizadas, a "esquerda radical" teria abandonado o projeto de transformação sistêmica mais ampla, fragmentando a luta por justiça social.

Apesar dessas críticas, a "esquerda radical" continua a mobilizar a esfera universitária como plataforma para tensionar as estruturas de poder existentes. A produção acadêmica crítica associada a esses movimentos contribui para a criação de uma contra-hegemonia cultural, em aliança com movimentos sociais fora do ambiente universitário. Nesse sentido, as universidades públicas passam a ser vistas não apenas como espaços de ensino, mas também como laboratórios de resistência e transformação social (Freire, 1970).

A reestruturação da "esquerda radical" também deve ser entendida como uma resposta à incapacidade da classe média trabalhadora de se fazer representar pela esquerda tradicional e seus

partidos trabalhistas. Com o dismantelamento das garantias sociais e a emergência do precariado, a “esquerda radical” identifica a necessidade de expandir sua base política, buscando novos sujeitos e apostando em uma diversidade de lutas que vão além das questões puramente econômicas (Standing, 2011).

Contudo, ao priorizar questões identitárias e subjetivas, como raça, gênero e sexualidade, a “esquerda radical” se distanciou das demandas centrais da classe média trabalhadora. Muitos trabalhadores, desamparados pelo desmonte do Estado de bem-estar social, passam a se identificar menos com a esquerda tradicional e mais com discursos individualistas de “empreendedorismo de si”, promovidos tanto pelo neoliberalismo quanto pela “extrema direita” (Brown, 2015). Esse contexto também facilita a cooptação de muitos trabalhadores por movimentos religiosos conservadores, como as igrejas neopentecostais, que oferecem uma comunidade e um sentido de pertencimento em meio à desagregação social.

Em suma, a “revolução cultural” promovida pela “esquerda radical”, embora transformadora em termos culturais, demonstra-se incapaz de responder às demandas econômicas e políticas dos remanescentes classe média fordista. Desprovida de representação, essa classe acaba sendo atraída por movimentos populistas de direita e discursos religiosos conservadores, revelando a complexidade das forças em jogo no cenário contemporâneo.

O Quadro 2 sintetiza principais estratégias e características de cada corrente política dentro do contexto atual, destacando suas formas de atuação e alianças sociopolíticas.

## QUADRO 2

*Estratégias e características de cada corrente política dentro do contexto atual*

<b>Categoria</b>	<b>Esquerda Tradicional</b>	<b>“Esquerda Radical”</b>	<b>Direita Tradicional</b>	<b>“Extrema Direita”</b>
Base Social	Classe trabalhadora, sindicatos, movimentos operários tradicionais.	Universitários, grupos identitários (mulheres, negros, LGBTQIA+), movimentos sociais de resistência.	Elites econômicas, classe média alta, empresários, grandes corporações, setores conservadores.	Antiga classe média fordista e precariado desiludido com o neoliberalismo e globalização.
Discurso	Redistribuição de renda, direitos trabalhistas, políticas de bem-estar social, foco nas classes populares e operárias.	Foco em lutas culturais e identitárias, resistindo à hegemonia cultural capitalista, com base em teoria crítica.	Defende o liberalismo econômico, com foco no mercado livre, ordem social e valores tradicionais conservadores.	Populista e anti-elite; defesa da “família tradicional” e valores conservadores, aliado às igrejas neopentecostais.
Alvos Críticos	Neoliberalismo, privatizações, desigualdade econômica, precarização do trabalho.	Neoliberalismo, mercantilização da educação e precarização dos direitos.	Burocracia estatal, regulamentações excessivas, políticas sociais progressistas, altos	Elites econômicas e políticas, imigrantes, minorias, políticas multiculturais e globalização.

			impostos sobre empresas.	
Táticas	Ações parlamentares, sindicatos, protestos, alianças políticas institucionais.	Mobilização em universidades, greves, ocupações, defesa de pautas de direitos civis e justiça social.	Apoio a reformas econômicas pró-mercado, lobby empresarial, alianças institucionais com o setor privado.	Discurso de ódio contra minorias, uso das mídias digitais para disseminar desinformação e teorias da conspiração.
Uso da Religião	Diálogo histórico com setores progressistas religiosos, como a teologia da libertação.	Em geral, laica, com críticas à cooptação religiosa de movimentos sociais.	Apoio a valores religiosos tradicionais, muitas vezes alinhados com a moralidade cristã conservadora.	Aliança estratégica com igrejas neopentecostais para mobilizar precariado e classes populares.
Economia	Regulação do mercado, fortalecimento das políticas públicas e do Estado de bem-estar social.	Crítica feroz ao neoliberalismo e ao capitalismo global, propondo alternativas socialistas ou de economia solidária.	Liberalismo econômico, desregulamentação do mercado, redução de impostos e incentivos ao setor privado.	Flexibilização trabalhista, defesa do neoliberalismo moral e social, mas com retórica anti-globalização.
Tecnologia e Mídias	Uso tradicional de mídias de massa e institucionais, com tentativa de adaptação às novas plataformas digitais.	Mobilização por meio de mídias independentes e redes sociais para divulgar críticas ao sistema capitalista.	Controle da narrativa em mídias tradicionais, uso de redes sociais para disseminar valores conservadores e neoliberais.	Uso das redes sociais para comunicação direta e manipulação da informação.
Cultura	Defesa da pluralidade cultural e inclusão, com ênfase na justiça social e direitos humanos.	Desconstrução das narrativas dominantes eurocêntricas, patriarcais e coloniais.	Valorização de uma cultura ocidental tradicional, defesa de valores patrióticos e familiares.	Valorização da nostalgia por uma ordem passada, mais estável e moralmente homogênea.
Críticas Internas	Distanciamento das demandas emergentes do precariado, às vezes visto como institucionalizado demais.	Foco excessivo em pautas identitárias pode fragmentar a luta de classes.	Resistência a mudanças sociais progressistas, por vezes vistas como anacrônicas ou elitistas.	Fortalecimento de teorias da conspiração e de uma polarização excessiva.

Isto posto, cabe analisar como essas transformações nas estratégias políticas se conectam com as antigas e novas formas de mal-estar psíquico e no laço social no contexto neoliberal.

### Implicações Psíquicas

No contexto neoliberal, as novas formas de sofrimento psíquico e social podem ser analisadas, por exemplo, à luz do conceito lacaniano de *sinthome*, que encapsula a singularidade e o sofrimento subjetivo de cada indivíduo em sua relação com o inconsciente (Lacan, 1975). Suas estruturas subjetivas, moldadas no terreno do discurso do capitalista, distingue-se pela lógica da aceleração, da

eficiência e da mercantilização das esferas da vida, em que as relações humanas são reduzidas a transações econômicas (Evans, 1996). Nesse cenário, a subjetividade é capturada por um imperativo constante de produtividade e sucesso individual, o que leva a novas formas de sofrimento, típicas do regime neoliberal (Dardot & Laval, 2013).

Um dos principais exemplos desse sofrimento associa-se ao imperativo do “empreendedorismo de si mesmo”, no qual o sujeito é convocado a se enxergar como uma mercadoria ou uma empresa individual, sendo inteiramente responsável por seu próprio sucesso ou fracasso (Han, 2015). Essa lógica intensifica a pressão externa e coloca sobre o indivíduo um excesso de responsabilidade, o que gera uma ansiedade crônica e uma constante competição consigo mesmo (Sennett, 1998). Essa autoexploração, característica do neoliberalismo, transforma o trabalho e a capitalização de si próprios em fontes de angústia, na qual o sujeito se torna tanto o patrão quanto o opressor de si mesmo (Rosa, 2013).

O isolamento social também emerge como forma de sofrimento. O neoliberalismo fragmenta as relações sociais em prol de uma meritocracia ilusória, alienando o sujeito dos laços comunitários e coletivos (Fraser, 2024). Embora o indivíduo esteja sempre “conectado” digitalmente, ele se sente solitário e incapaz de estabelecer vínculos afetivos duradouros que transcendam a lógica utilitarista (Turkle, 2011). Paralelamente, o consumismo desenfreado surge como uma tentativa de responder à necessidade de prazer e reconhecimento, mas acaba promovendo uma despersonalização, já que o sujeito passa a ser tratado como mercadoria, alienado de sua própria subjetividade (Bauman, 2007).

No cerne dessas novas formas de sofrimento, o sujeito internaliza as normas e expectativas do mercado, tornando-se um produto em constante valorização. Nesse caso, o conflito entre a imagem idealizada do sucesso e as limitações da existência real acaba por produzir sofrimento. Ao mesmo tempo, constitui também uma forma de adaptação a esse sistema excludente, em que a vida pessoal e profissional se transformam em projetos que precisam ser constantemente otimizados, produzindo uma subjetividade fragmentada (Žižek, 2006).

Em outros termos, esses mal-estares não são apenas decorrências da precarização mas também respostas de resistência ao discurso do capitalista (Lazzarato, 2012). Essas manifestações variam desde o *burnout*, uma exaustão decorrente da autoexploração, até a depressão, resultado do isolamento social e da desconexão afetiva (Ehrenberg, 2010; Cunningham, 2019; Coelho-dos-Santos, 2023), conforme ilustra o Quadro 3.

### QUADRO 3

#### *O laço neoliberal: Implicações psíquicas*

<b>Grupamento Social</b>	<b>Implicações Psíquicas</b>
Elites Econômicas Globais	- Narcisismo e distanciamento: O acúmulo excessivo de riqueza e poder provoca um sentimento de superioridade e distanciamento das realidades sociais. - Alienação do social: A busca incessante pelo sucesso pessoal desconecta as elites das realidades das massas, intensificando as desigualdades.

	- Indiferença moral: A desconexão com as demandas sociais mais amplas reforça a insensibilidade às desigualdades.
Classe Média Fordista Remanescente	- Ansiedade crônica: Decorrente da perda de status e segurança econômica, alimentada pela pressão para manter a antiga posição social. - Fragmentação identitária: Desconexão com antigas referências coletivas e sensação de vulnerabilidade. - Angústia meritocrática: Sentimento de culpa individual pelo fracasso econômico.
Precariado	- Autoexploração: O sujeito é forçado a ser "empreendedor de si mesmo", resultando em exaustão e <i>burnout</i> . - Insegurança constante: A incerteza em relação ao futuro alimenta a ansiedade e a desintegração dos laços sociais. - Solidão: Isolamento social gerado pela fragmentação das redes de apoio e solidariedade.

As múltiplas e singulares implicações psíquicas decorrentes do laço social sob a primazia do discurso do capitalista corroboram o conceito lacaniano de *sinthome* como chave para entender o sofrimento subjetivo contemporâneo. O sujeito neoliberal, capturado por uma lógica de produtividade incessante, é forçado a se adaptar às demandas do mercado, resultando em fenômenos como autoexploração e isolamento social. Esses processos psíquicos não são apenas sintomas de precarização, mas igualmente respostas de resistência ao sistema que fragmenta os laços sociais e individuais.

O Quadro 3 reforça essa análise ao destacar como diferentes grupos sociais vivenciam esse sofrimento de maneiras particulares, seja o narcisismo e o distanciamento das elites econômicas, a ansiedade crônica da classe média fordista, ou a insegurança constante e solidão do precariado. Essas formas de sofrimento revelam a intersecção entre transformações econômicas e o impacto sobre a subjetividade, refletindo uma reorganização profunda das dinâmicas de poder e do laço social.

## Conclusão

Ao examinar o conceito lacaniano de *sinthome* e os "nós" que emergem com o colapso do "círculo virtuoso do fordismo", é possível delinear um panorama das transformações estruturais que impactam os laços sociais e os modos de subjetivação (Foucault, 2004). As contribuições de autores como Harvey (2005) e Dardot e Laval (2013) ajudam a iluminar como essas mudanças se manifestam na chamada "revolução cultural", que desarticula a antiga classe média fordista, promovendo novas formas de precariedade e abrindo espaço para novos modos de organização social, marcados pela fragmentação e pelo esvaziamento dos laços coletivos (Harvey, 2005; Rufo, 2024).

Nesse cenário, os ativismos universitários, a ascensão das igrejas neopentecostais e dos partidos políticos de "extrema direita" não apenas preenchem o vácuo deixado pelo colapso das estratégias tradicionais de esquerda e pelos movimentos eclesiais de base, mas também disputam o precariado e as periferias. Essas forças redefinem as dinâmicas de poder, promovendo novas formas de controle social e modos de subjetivação, articulados ao discurso do capitalista (Dunker, 2019). Como resultado, observa-se uma significativa perda de representatividade da classe média, enquanto o

“empreendedorismo de si mesmo” e as ideologias conservadoras reconfiguram identidades sociais e políticas (Santos, 2019).

A teoria lacaniana, com suas noções de *sinthome* e *falasser*, oferece um robusto arcabouço analítico para compreender essa fragmentação das subjetividades e o declínio das formas coletivas de organização política e social (Soler, 2023b). A confluência entre o neoliberalismo, o enfraquecimento da democracia liberal e o distanciamento da classe média revela uma crise de representação que se traduz em novas formas de sofrimento psíquico e social (Safatle, 2018), bem como em novas articulações entre os laços do Real, do Simbólico e do Imaginário. A emergência de diferentes estruturas “*sinthomáticas*” nesse cenário reflete como a subjetividade contemporânea é moldada por forças contraditórias: ao mesmo tempo que busca adaptação, produz angústias profundas ligadas à falta de estabilidade e de sentido (Soler, 2023a). Futuros estudos poderiam, por fim, investigar de que modo a hegemonia do discurso do capitalismo molda a produção de arranjos “*sinthomáticos*” singulares.

### Referências Bibliográficas

- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.
- Atkinson, A. B. (2015). *Inequality: What can be done?* Harvard University Press.
- Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Polity Press.
- Bauman, Z. (2007). *Consuming life*. Polity Press.
- Betz, H. G. (2018). *Radical right-wing populism in Western Europe*. St. Martin's Press.
- Birman, P. (1996). *Fazer a festa: O enraizamento do pentecostalismo no Brasil*. Iser.
- Boito Jr., A. (2012). *Estado, capital e as frações de classe: Marxismo e sociologia política*. Alameda.
- Brown, W. (2015). *Undoing the demos: Neoliberalism's stealth revolution*. MIT Press.
- Campos, L. (2016). Teocracia neoliberal: O poder evangélico no Brasil e suas ambições. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 19, 89-112.
- Coelho dos Santos, T. (2023). Does the Other of the Lacan oriented analyst not exist? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 26, p. 1-19.
- Coelho dos Santos, T., & Amaral, R. E. C. (2023). Discursividades pós-modernas: Leitura do fenômeno social da polarização. *Asephallus*, v. 18, p. 62-81.
- Coelho dos Santos, T., & Oliveira, F. L. G. (2022). As patologias narcísicas e os estados depressivos na pós-modernidade. *Tempo Psicanalítico*, v. 1, p. 6-30.
- Cunningham, S. (2019). *Techno-resilience and precarious workers*. Pluto Press.
- Dardot, P., & Laval, C. (2013). *The new way of the world: On neoliberal society*. Verso.
- Debord, G. (1992). *The society of the spectacle*. Zone Books.
- Dunker, C. I. L. (2019). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: Uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. Annablume.
- Eatwell, R., & Goodwin, M. (2018). *National populism: The revolt against liberal democracy*. Penguin.

- Ehrenberg, A. (2010). *The weariness of the self: Diagnosing the history of depression in the contemporary age*. McGill-Queen's University Press.
- Evans, D. (1996). *An introductory dictionary of Lacanian psychoanalysis*. Routledge.
- Fausto, B. (2016). *História do Brasil*. Edusp.
- Fisher, M. (2009). *Capitalist realism: Is there no alternative?* Zero Books.
- Foucault, M. (2004). *A hermenêutica do sujeito: Curso no Collège de France (1981-1982)*. Martins Fontes.
- Fraser, N. (1995). From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a "post-socialist" age. *New Left Review*, 212, 68-93.
- Fraser, N. (2017). *The old is dying and the new cannot be born: From progressive neoliberalism to Trump and beyond*. Verso.
- Fraser, N. (2024). *Capitalismo canibal*. Autonomia Literária
- Freire, P. (1970). *Pedagogy of the oppressed*. Herder and Herder.
- Furtado, C. (1985). *Formação econômica do Brasil*. Companhia das Letras.
- Gilens, M., & Page, B. (2014). Testing theories of American politics: Elites, interest groups, and average citizens. *Perspectives on Politics*, 12(3), 564-581.
- Giroux, H. A. (2011). *On critical pedagogy*. Continuum.
- Glyn, A. (2006). *Capitalism unleashed: Finance, globalization, and welfare*. Oxford University Press.
- Gomes, E. (2019). O populismo neopentecostal e suas consequências políticas no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Sociologia e Política*, 27(55), 55-76.
- Gramsci, A. (1971). *Selections from the prison notebooks*. International Publishers.
- Guimarães, N. (1999). *Desemprego: A construção do problema no Brasil contemporâneo*. Hucitec.
- Hall, S. (1996). Cultural studies: Two paradigms. In D. Morley & K.-H. Chen (Eds.), *Stuart Hall: Critical dialogues in cultural studies* (pp. 31-48). Routledge.
- Han, B.-C. (2015). *The burnout society*. Stanford University Press.
- Harvey, D. (2005). *A brief history of neoliberalism*. Oxford University Press.
- Harvey, D. (2007). *The limits to capital*. Verso.
- Hochschild, A. R. (2016). *Strangers in their own land: Anger and mourning on the American right*. The New Press.
- Inglehart, R., & Norris, P. (2019). *Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. Cambridge University Press.
- Jessop, B. (1994). *Post-Fordism and the state*. Polity Press.
- Jessop, B. (2002). *The future of the capitalist state*. Polity Press.
- Judis, J. B. (2016). *The populist explosion: How the great recession transformed American and European politics*. Columbia Global Reports.
- Lacan, J. (1972). *The Seminar of Jacques Lacan, Book XVII: The other side of psychoanalysis*. Norton.

- Lacan, J. (1975). *The Seminar of Jacques Lacan, Book XXIII: Joyce and the sinthome*. Norton.
- Lacan, J. (1991). O discurso do capitalista. In: C. Soler (Org.), *Subjetividades contemporâneas: Lacan e o capitalismo* (pp. 93-104). Companhia das Letras.
- Lavinas, L. (2017). *The takeover of social policy by financialization: The Brazilian paradox*. Palgrave Macmillan.
- Lazzarato, M. (2009). *Le capitalisme cognitif*. Editions Amsterdam.
- Lazzarato, M. (2012). *The making of the indebted man: An essay on the neoliberal condition*. Semiotext(e).
- Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2018). *How democracies die*. Crown Publishing.
- Lipietz, A. (1987). *Mirages and miracles: The crises of global Fordism*. Verso.
- Machado, M. (2017). *Neopentecostalismo e política: Entre a salvação e o poder*. Editora Vozes.
- Martín-Barbero, J. (2014). *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. Convenio Andrés Bello.
- Martins, J. S. (2002). *A sociabilidade do homem simples: Cotidiano e história na modernidade anômala*. Hucitec.
- Marwick, A., & Lewis, R. (2017). *Media manipulation and disinformation online*. Data & Society.
- Mouffe, C. (2018). *For a left populism*. Verso.
- Mudde, C. (2019). *The far right today*. Polity Press.
- Nobre, M., & Singer, A. (2020). *Brazilian democracy: Collapse and restoration*. Novos Estudos.
- Oro, A. P. (2003). Pentecostais e neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. *Vozes*.
- Oxfam. (2019). *Relatório de desigualdade global: Uma economia para os 99%*. Oxfam International.
- Pierucci, A. F., & Prandi, R. (2000). A realidade social das religiões no Brasil. *Cadernos CERU*, 11(1), 123-145.
- Piketty, T. (2014). *Capital in the twenty-first century*. Harvard University Press.
- Pochmann, M. (2018). *A nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. Boitempo.
- Prado, M. (2017). *Reformas trabalhistas e previdenciárias no Brasil contemporâneo*. LCTE.
- Rosa, H. (2013). *Social acceleration: A new theory of modernity*. Columbia University Press.
- Rufo, C. (2024). *A revolução cultural silenciosa: Como a esquerda radical assumiu o controle de todas as instituições*. Avis Rara.
- Safatle, V. (2018). *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Cosac Naify.
- Said, E. W. (1978). *Orientalism*. Pantheon Books.
- Sassen, S. (2014). *Expulsions: Brutality and complexity in the global economy*. Harvard University Press.
- Sennett, R. (1998). *The corrosion of character: The personal consequences of work in the new capitalism*. W. W. Norton & Company.
- Sennett, R. (2006). *The culture of the new capitalism*. Yale University Press.
- Singer, A. (2012). *Os sentidos do lulismo: Reforma gradual e pacto conservador*. Companhia das Letras.

- Soler, C. (2005). *Lacan: The unconscious reinvented*. Karnac Books.
- Soler, C. (2023a). *Lacan, leitor de Joyce*. Aller.
- Soler, C. (2023b). *The subject in contemporary capitalism: Lacanian perspectives*. Routledge.
- Spivak, G. C. (1988). Can the subaltern speak? In C. Nelson & L. Grossberg (Eds.), *Marxism and the interpretation of culture* (pp. 271-313). University of Illinois Press.
- Standing, G. (2011). *The precariat: The new dangerous class*. Bloomsbury.
- Stiglitz, J. E. (2012). *The price of inequality: How today's divided society endangers our future*. W. W. Norton & Company.
- Streeck, W. (2014). *Buying time: The delayed crisis of democratic capitalism*. Verso.
- Turkle, S. (2011). *Alone together: Why we expect more from technology and less from each other*. Basic Books.
- Wilkinson, R., & Pickett, K. (2010). *The spirit level: Why equality is better for everyone*. Penguin.
- Wodak, R. (2015). *The politics of fear: What right-wing populist discourses mean*. Sage.
- Žižek, S. (2006). *The parallax view*. MIT Press.

**Citação/Citation:** Sant'Anna, A. de S.. (mai. 2024 a out. 2024). Do Outro ao outro: Respostas Subjetivas Singulares ao Desmoronamento dos Laços Sociais e à Fragmentação do Simbólico no Contemporâneo. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(38), 102-124. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus).  
**doi:** 10.17852/1809-709x.2024v19n38p102-124

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/ Received:** 01/10/2024 / 10/01/2024.

**Aceito/ Accepted:** 12/11/2024 / 11/12/2024.

**Copyright:** © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.